

Pesquisas exploratória e de contextualização sobre o consumo jornalístico das pessoas com síndrome de down¹

Juliana TAMAKI²
Marco BONITO³
Unipampa, São Borja, RS

RESUMO

Este artigo traz os procedimentos metodológicos utilizados na fase de coleta de dados da pesquisa exploratória e de contextualização sobre o consumo jornalístico de pessoas com Síndrome de Down. Sendo assim, este artigo descreve os processos metodológicos feitos através da realização da coleta de dados a partir do desdobramento da problemática proposta. Além da pesquisa em repositórios científicos, foi utilizado outros métodos de pesquisa exploratória nas redes sociais e tagging de conteúdos relevantes para o andamento da pesquisa. Através da pesquisa realizada pode-se perceber que não há muitas produções que abordem a temática aqui proposta o que colabora com o aprofundamento na pesquisa em busca de respostas para os questionamentos levantados.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de Down; Consumo Jornalístico; Comunicação; Acessibilidade Comunicativa.

1. Introdução

No Brasil e no mundo todo, pessoas com deficiência, por considerar essas pessoas como incapazes, isolaram e marginalizaram esses deficientes. A acessibilidade hoje, é o termo utilizado para qualificar o acesso a serviços à pessoas com alguma deficiência. Nesse aspecto, acessibilidade é de suma importância para garantir autonomia e liberdade desses cidadãos. No final dos anos 2000 começaram a surgir decretos com força legal que deveriam garantir às Pessoas com deficiência (PcD) direitos ligados à comunicação. Desde então, o embate entre os interesses públicos e os privados, representados pela ABERT (Associação Brasileira de Rádio e Televisão),

¹ Trabalho apresentado na IJ 7 – Comunicação espaço e cidadania. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante de graduação do 7º semestre do curso de Jornalismo. e-mail: julianatamaki21@gmail.com. Redes Sociais: @JulianaTamaki.

³ Orientador: Professor Doutor Marco Bonito, Universidade Federal do Pampa - Unipampa, Cursos de: Jornalismo / Publicidade e Propaganda. Produções Científicas: <https://marcobonito.academia.edu/>. E-mail: marcobonito@gmail.com. Redes Sociais: @marcobonito.

transformaram a questão num problema insolúvel até hoje, muito disto em função das chamadas “leis que não pegam”, ou seja, que entram em vigor mas não são cumpridas e nem fiscalizadas (BONITO, 2015).

Ainda não se tem uma estatística precisa no Brasil, mas estima-se que um a cada 700 partos no país, seja de um bebê com Síndrome de Down. Ou seja, cerca de 300 mil pessoas tem essa síndrome no país. Sabe-se que o desenvolvimento físico e mental dessas pessoas é mais lento devido às consequências da trissomia. Mas é muito importante ressaltar, que não existem graus da síndrome, que cada indivíduo tem sua capacidade intelectual aumentada devido aos estímulos que recebe desde a infância. A *Pediatric Database*⁴ (1994) classifica diversas das anomalias que podem ser detectadas com exames específicos no caso de paciente com a Síndrome.

A lei mais atual que fala sobre as disposições do acesso à informação e à comunicação é a que consta na chamada “Lei Brasileira de Inclusão” (2015):

Art. 63. É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente (CONGRESSO NACIONAL, 2015)

A lei de 2015 que dispõe sobre o acesso à informação e à comunicação mostra que até certo ponto o poder público preocupa-se com as questões de acessibilidade. Porém, sem a fiscalização necessária para se atingir as metas, essas leis não passam de boas intenções. No Brasil, segundo o Censo 2010 (IBGE 2012), temos 45.606.048 pessoas com algum tipo de deficiência, em percentual essas pessoas representam 23,9% ou seja ¼ do país é marginalizado das produções jornalísticas.

Segundo Jiani Bonin (2006), uma proposta de pesquisa deve contemplar, entre outros, os âmbitos sociais, políticos e tecnológicos. De modo a contribuir com o campo a qual está inserida, neste caso, o campo da comunicação. Nesse sentido, percebe-se que o Jornalismo pouco trata sobre o tema pessoas com Síndrome de Down (SD), este trabalho deve contar com reflexões sobre como o jornalismo aborda essa síndrome, para

⁴ Banco de dados de medicina pediátrica.

além disso, a proposta do presente artigo é trazer a contextualização da pesquisa exploratória que será usada para a composição do Trabalho de Conclusão do Curso.

1.1 Questão problema

Tanto na academia quanto na prática do jornalismo, aprende-se a trabalhar com convergências, divergências, arquiteturas de informações, interatividade de conteúdos, banco de dados, instantaneidade, mas pouco se vê jornalistas abordarem o tema de como produzir, ou como as pessoas com Down consomem os produtos jornalísticos. As questões da narrativa e linguagem, são pontos importantes para a pesquisa aqui proposta. A pergunta que norteia a pesquisa exploratória foi definida como: O que há de produção científica e quem são os atores sociais envolvidos na produção e consumo jornalístico para pessoas com síndrome de Down?

1.2 Quem são essas pessoas com Síndrome de Down em relação ao campo da comunicação

A síndrome de Down ou trissomia do cromossomo 21 é uma disfunção na divisão celular dos cromossomos. Uma pessoa sem a síndrome possui naturalmente 46 cromossomos, já a que tem trissomia possui 47. Pessoas com Down possuem como características físicas olhos puxados e faces mais arredondadas. Além das características físicas, existem as características que cabem a pesquisa, as intelectuais. O desenvolvimento intelectual dessas pessoas é comumente mais lento que a de outras da mesma idade. Deficiência intelectual não é o mesmo que deficiência mental, portanto, não é apropriado o uso do termo para tratar de pessoas com Down.

Outro aspecto a ser lembrado, é que, assim como chamar pessoas com deficiência de “portadores de necessidades especiais” caiu em desuso, não é correto chamar pessoas com SD de “portadores de Síndrome de Down”, quem porta algo, pode deixar de carregá-la, por exemplo, o que não é o caso de pessoas com deficiência.

Devemos olhar a pessoas com SD em sua singularidade, para que possa ter um pleno desenvolvimento enquanto sujeito, neste sentido o propõe-se trabalhar com o conceito de pessoas com síndrome de down também como sujeitos comunicantes

(BONIN, SAGGIN. 2018), sendo assim, como possíveis emissores e/ou receptores de informações.

Para que isso seja possível foi preciso fazer uma ampla busca em diversos sites e livros sobre a temática, porém pouco foi encontrado sobre o assunto, o que instiga ainda mais a pesquisa. Como já dito anteriormente, a inclusão de pessoas com qualquer tipo de deficiência é garantido por lei, porém por diversas vezes não se fazem cumprir o que está no papel. Os veículos do campo da comunicação, devem fazer com que seus conteúdos cheguem de forma unânime a todos, sem ruído na comunicação, para que isso possa ocorrer é preciso que pesquisas de recepção do pública sejam feitas e assim possa se fazer cumprir as leis de inclusão, além de garantir que todas as pessoas, com ou sem deficiência possam ter seus direitos e exercer seus papéis como cidadãos.

No livro dos meios às mediações, de Martín Barbero, ele afirma que a comunicação não se esgota nos meios e que não deve ser tratada como mercadoria, e que o problema não está na falta de coerência ou lógica, mas sim no método de pensar a teoria como apenas emissor, mensagem, receptor, códigos e fonte (BARBERO, 1997). Por esse ângulo, o autor instiga que a investigações na área da comunicação devem buscar mais que o tradicional binarismo do sim ou não.

1.3 Cidadania comunicativa

O conceito de cidadania comunicativa, para Mata, está relacionado com a capacidade de “ser sujeito de direito e demanda no campo da comunicação pública” e o exercício desse direito ao cidadão, como “sujeito de necessidade e indefeso diante do poder, é o emblema da não-cidadania, emblema de quem praticamente perdeu o direito de ter direitos.” (MATA, 2006).

Segundo a autora, cidadania também está ligada a identidade e igualdade entre os pares, advindo do Estado ou não:

Mas, além disso, a cidadania comunicativa envolve dimensões sociais e culturais ligadas aos "valores da igualdade de oportunidades, qualidade de vida, solidariedade e não-discriminação" (Hopenhayn, 2005, p.216) presentes nos chamados direitos de terceira geração. Dessa forma, cidadania comunicativa está entrelaçado com as referências de identidade e com as reivindicações mais gerais de igualdade, não só em

relação ao Estado, mas em relação à ação do Estado, mercado e todos os tipos de dispositivos que promovem a desigualdade.⁵ (MATA, 2006)

As Pessoas com Deficiência como qualquer outro sujeito, deve gozar dos direitos de acesso à cidadania, bem como as oportunidades de trabalho, educação, esporte e lazer, sem nenhuma espécie de discriminação, propiciando a autonomia que lhes é reservada por direito. Mata considera que pôr em prática a cidadania comunicativa é essencial para a convivência:

O exercício da "cidadania comunicativa" torna-se essencial para a existência de uma sociedade de cidadãos. Se não há possibilidades de exercer esse conjunto de direitos e de práticas expressivas, enfraquecem-se as capacidades e possibilidades de os indivíduos se tornarem sujeitos de demanda e proposição em múltiplas esferas da realidade, pois a produção dessas demandas e proposições é impensável. sem o exercício autônomo do direito de comunicar, isto é, de colocar em comum. (MATA, 2006)

Acessibilidade comunicativa e exclusão social são opostos que jamais irão se atrair. O jornalismo, assim como todas as áreas da comunicação, deve de maneira integral se propor a produzir conteúdos que não excluam àqueles que a sociedade, por questões culturais hegemônicas, acaba por privilegiar. Ao contrário, o papel do jornalista é de agregar esses indivíduos na sociedade.

No artigo, “A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital” (BONITO, 2015) o autor critica a falta dessa abordagem e produção de conteúdos por autores e profissionais da área. É raro encontrar conteúdo acadêmico sobre essa temática. Portanto, para se basear em como produzir esse conteúdos específicos no jornalismo, principalmente para pessoas com deficiência cognitiva, foi utilizado referências advindas de outras áreas.

Essa pesquisa se faz importante para o campo teórico, pois, é pouco abordada na área da comunicação. Com a pesquisa inicial, percebeu-se a necessidade de trazer o debate sobre pessoas com SD e o consumo de jornalismo delas. De modo que a investigação possa também estar comprometida “com a realidade em que estamos

⁵ Tradução do original em Espanhol

inseridos (cujas dimensões incluem a política e a ética, entre outras) implica estar atento aos problemas relevantes colocados e suscitados nessa realidade” (BONIN, p.23. 2009).

1.4 Pessoas com SD como sujeitos comunicantes

A proposta de sujeitos comunicantes, feita pelas autoras Lívia Saggin e Jiani Bonin surge como desconstrução daquilo que na área da comunicação é conhecido como receptor. As autoras, entendem como de extrema importância, considerar fatores como a multiplicidade sentidos considerar as realidades “histórica, cultural, social, ética, política, tecnológica, psicológica e semiótica.” (SAGGIN, BONIN. 2018)

Com a expansão da midiatização, os processos comunicacionais ganham força e proporções antes impensáveis. O que antes eram considerados apenas receptores, com o advento midiático, hoje está “num jogo multidimensional complexo, em que ora podem ser reprodutores, ora inventores e transgressores comunicacionais.” (SAGGIN, BONIN. 2018)

2. Contextualização

Segundo Bonin, 2009, “Na pesquisa comunicacional, saber formular e construir aspectos que dêem conta do contexto midiático e comunicacional que configura a sua particularidade é fundamental”. A contextualização como método de aprimoramento da pesquisa, permitirá ampliar a estruturação do problema, fortalecendo os aspectos históricos, culturais, éticos sociais e políticos da investigação deste objeto. A proposta é trabalhar a temática sobre a contextualização do consumo jornalístico das pessoas com Síndrome de Down.

Delimitado o problema e o recorte da investigação, na pesquisa exploratória, conceito muito abordado por Bonin, no livro “Metodologias da pesquisa em comunicação” se busca a aproximação entre o objeto concreto e o empírico da pesquisa. Observando as especificidades do objeto em questão, busca-se por meio dos métodos e critérios as várias angulações do problema. A contextualização é um aspecto configurador da problemática, como afirma Maldonado (2009), “é um processo de reflexão, aprofundamento, sistematização e exposição que dá valor sócio-histórico e

científico aos projetos.” A contextualização, permite ao pesquisador, fortalecer os aspectos “históricos culturais, éticos sociais e políticos da investigação”.

A investigação aqui proposta, teve início no ano de 2017 em que a pesquisadora teve contato com questões relacionadas à acessibilidade comunicativa no grupo de pesquisa em que participava. Neste momento, a intriga está ligada às questões de como produzir conteúdos acessíveis para todas as pessoas, incluindo pessoas com deficiência. A partir daí surgiu o questionamento de como pessoas com síndrome de down consomem jornalismo.

Para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida, foi preciso reunir informações sobre como o jornalismo trata pessoas com deficiência, focado em pessoas com SD. Além disso, foi necessário coletar dados sobre esses indivíduos. Todos os dados colhidos dão força para que a pesquisa não fique apenas no campo abstrato.

As pessoas com SD, assim como os PcDs por diversas vezes são marginalizadas pela sociedade. Para que isso não se torne algo comum, é preciso criticar as formas em que a mídia os tratam e propor métodos de inclusão para essas pessoas. Como já tratado anteriormente, existem leis que amparam (ou deveriam) esse público, porém por vezes, sem que haja a devida fiscalização por parte do poder público não é efetivo na garantia de direitos.

Em 1866, essa anomalia genética foi primeiramente chamada de mongolismo, por causa dos traços orientais identificados pelo médico inglês John Langdon Down (BOTTINO, 1991) . É daí que surge a expressão pejorativa associada a retardo mental, mongolóide. Foi apenas 1958 que o médico francês Jérôme Lejeune detalhou a síndrome genética e rebatizou em homenagem ao doutor Down. Lejeune descobriu o que tornava os Down "diferentes" dos outros: no par 21, há um cromossomo extra.

Um fato que deu muita visibilidade para a causa de pessoas com Down, foi o lançamento da campanha “Ser diferente é normal”. No ano de 2007 a campanha teve espaço na novela da rede Globo “Páginas da Vida”. Na trama, a pequena Clara de 7 anos é rejeitada pela avó "Marta" (Lilia Cabral), que diz não querer criar "netos com defeito". No mesmo ano, a escola de samba Império Serrano adotou como tema de

samba enredo, “ser diferente é normal: o Império Serrano faz a Diferença no Carnaval”⁶. Além disso, a campanha criada pelo Instituto MetaSocial, ganhou diversos vídeos em que pessoas com a síndrome eram os protagonistas, entre eles, vídeos/manifesto no *YouTube* sobre como ser diferente é normal. Em um dos filmes, por exemplo, uma adolescente com SD fala sobre as coisas que gosta de fazer. Assim como as meninas da idade dela, ela gosta de navegar na internet, ir em festas, e sobretudo diz que sua real diferença é: gostar de tocar bateria. A campanha até hoje é usada para lembrar da normalidade das diferenças entre pessoas. No ano de 2012, ganhou uma música que tem como padrinhos, o cantor Gilberto Gil e Preta Gil. A faixa foi apresentada no Show do Criança Esperança de 2012, num quadro criado especialmente para a campanha.

Recentemente, uma pesquisa⁷ divulgada pelo site movimento down destaca as potencialidades de pessoas que possuem a síndrome. Na pesquisa, 76 jovens com SD, entraram ou já concluíram o ensino superior no Brasil. A primeira pessoa com Down a conseguir um diploma que se tem conhecimento na América do Sul, foi a professora Daniela Seabra, do Rio Grande do Norte que se formou em 2006. A pesquisa também mostra que deste total, o Rio Grande do Sul aparece em segundo lugar no ranking de Brasileiros com Síndrome de Down que entram em universidades, com 11 pessoas. O estado de São Paulo lidera a lista com 18.

3. Metodologia

Esta pesquisa iniciou com uma fase exploratória em conjunto com uma pesquisa de contextualização que visa o entendimento geral e fundamental sobre as questões comunicacionais e sociotécnicas que compõem o histórico referente ao tema. Dessa forma, foram encontradas trilhas e elementos essenciais para a compreensão deste objeto que permitiu avançar para as próximas etapas da pesquisa.

Uma das etapas, foi o levantamento de dados quantitativos sobre as pessoas com síndrome de down. Visto que, em pleno século XXI ainda existe falta de Acessibilidade

⁶ Letra do samba enredo: <https://www.letras.mus.br/sambas/820184/>

⁷ Endereço do site:

http://www.movimentodown.org.br/2014/01/inclusao-leva-a-universidade-e-alem-2/?fbclid=IwAR0FO_Jbpg--N7g8-UreTkJHlZucLVUIWbeUGYTYLYXpEt2dgM79oohma4

Comunicativa (BONITO, 2016) para esse público a Jornalista Patrícia Almeida ⁸, fez um guia prático de como a imprensa deve tratar pessoas com deficiência.

Na pesquisa exploratória desenvolvida neste trabalho, através dos bancos de dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) com base no último Censo de 2010 para análise de quantidade de PcDs no país, identificou-se a quantia de pessoas que deixam de ser assistidas por processos comunicacionais mal construídos. Na pesquisa também foram consultados sites governamentais para análise de dados e leis desde 2000 até às últimas em vigor.

Além das pesquisas executadas em sites oficiais, também foi feita coleta de dados sobre pessoas com síndrome de down atuantes nas redes sociais. Para o Twitter por exemplo, foi utilizado a ferramenta conhecida como *TweetDeck* ⁹, ali é possível separar diversas colunas e cada uma delas por assuntos, com ele é possível criar filtros de conteúdos e hashtags mais usadas no país e no mundo. Essas colunas apresentam feeds semelhantes à timeline (linha do tempo) de outras redes sociais como o Twitter, Facebook, Foursquare e algumas outras, por exemplo. Existe a possibilidade de criar linhas verticais com pesquisas, perfis ou algumas páginas específicas dentro da ferramenta. Nesse caso, pessoas ou entidades que falam sobre acessibilidade comunicativa, pessoas com deficiência e pessoas com síndrome de down, foram incluídas na lista “acessibilidade”, para facilitar o acesso aos tweets do assunto da pesquisa.

No no Google acadêmico, importante ferramenta de pesquisa acadêmicas do google, e na Biblioteca Eletrônica Científica Online conhecida pela sigla do inglês, SciELO: Scientific Electronic Library Online, as palavras chaves utilizadas foram: *jornalismo e síndrome de down* e também *jornalismo, síndrome de down e cidadania*.

⁸ Membro do Conselho da *Down Syndrome International*, Co-Fundadora do Movimento Down e fundadora da Inclusive - Inclusão e cidadania, Coordenadora Estratégica do Instituto MetaSocial.

⁹ O *TweetDeck* é um gerenciador de perfis do Twitter, uma ferramenta extra da rede social destinada a facilitar o gerenciamento de contas empresariais. Ele é muito utilizado por social medias de empresas de todo porte.

Outro local averiguado, foi nos anais do Intercom Jr., revista Intercom¹⁰ e a revista Iniciacom¹¹ e nos últimos quatro anos, ou seja, do ano de 2016 para cá. Não foi mencionado o ano de 2019 para o Intercom Jr. pois até o momento do artigo, não foi realizado os eventos regionais e nacional. As palavras-chaves utilizadas nas buscas foram: Síndrome de Down e Acessibilidade. Como o congresso Intercom Jr, é por subdividido em cinco regiões (Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste, Sul e Norte), foi necessário garimpar as informações região a região. Para melhor compreensão os dados, quando tabelados foram anexados por ano e não subdividido por região. Além dos anais regionais, também foi investigado nos anais dos congressos nacionais do Intercom Jr.

O ano de 2016 os anais do Intercom Jr. possuíam a ferramenta: buscar por palavras-chave nos anais, porém, nos anos seguintes foi preciso usar outro método para a busca. Foi necessário abrir os trabalhos por divisões temáticas, sendo elas: Jornalismo; Comunicação, espaço e Cidadania e Estudos interdisciplinares da Comunicação. Essas três temáticas foram escolhidas pois, de acordo com o ementário são as que mais caberia trabalhos sobre pessoas com SD e comunicação.

Já para o caso de pesquisas em sites diversos, blogs ou notícias relacionadas ou correlacionadas à pesquisa, foi utilizado a extensão do Google chamada GetPocket, esta ferramenta permite que você guarde toda a informação interessante que encontra e que possa acessar em qualquer momento, seja no desktop ou no celular. Além de guardar o link do seu interesse, também é possível salvar através de tags. As tags utilizadas nesse caso, foram: #PesquisaSD #ExploratoriaTCCsd. Havia a pretensão de taguear também o consumo Jornalístico de pessoas com SD. Porém devido ao fato de não encontrar conteúdos com relação direta com a proposta do trabalho não se pode usar a tag.

4. Resultados e análises dos dados obtidos

Os resultados obtidos das busca pelas palavras-chave nas ferramentas, foram os seguintes:

¹⁰ Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Com publicações quadrimestrais e editada pela sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).

¹¹ Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social. Com publicações semestrais de trabalhos inéditos de alunos de graduação em Comunicação social.

Rede social/ferramenta de busca/site	Quantidade de pessoas/artigos encontrados ou armazenados
TweetDeck	12 pessoas/entidades cadastradas na lista com nome Acessibilidade e pessoas com Síndrome de Down
Google Acadêmico: <i>jornalismo e síndrome de down</i>	Encontrados: 2.110* *Foram analisados os 30 primeiros mais relevantes e nenhum tratava especificamente do tema desta pesquisa
Google Acadêmico: <i>jornalismo, síndrome de down e cidadania.</i>	Encontrados: 1.370 resultados* *Foram analisados os 30 primeiros mais relevantes e nenhum tratava especificamente do tema desta pesquisa
SciELO	Não foram encontrados documentos para ambas as palavras-chave da pesquisa
Anais do Intercom Jr de 2016 em ambas as regiões e nacional	Zero resultados pela pesquisa por Síndrome de Down e 3 ocorrência da palavra Acessibilidade;
Anais do Intercom Jr de 2017 em ambas as regiões e nacional	Zero resultados pela pesquisa por Síndrome de Down e 6 ocorrência da palavra Acessibilidade;
Anais do Intercom Jr de 2018 em ambas as regiões e nacional	Zero resultados pela pesquisa por Síndrome de Down e 2 ocorrências da palavra Acessibilidade;
Anais da Revista Intercom 2016	Não foram encontrados documentos para ambas as palavras-chave da pesquisa
Anais da Revista Intercom 2017	Não foram encontrados documentos para ambas as palavras-chave da pesquisa
Anais da Revista Intercom 2018	Zero resultados pela pesquisa por Síndrome de Down e 1 resultados pela pesquisa palavra Acessibilidade;
Anais da Revista Intercom 2019	Não foram encontrados documentos para ambas as palavras-chave da pesquisa

Anais da Revista Iniciacom 2016	Não houve publicação da revista neste ano
Anais da Revista Iniciacom 2017	Não houve publicação da revista neste ano
Anais da Revista Iniciacom 2018	Não foram encontrados documentos para ambas as palavras-chave da pesquisa
Anais da Revista Iniciacom 2019	Não foram encontrados documentos para ambas as palavras-chave da pesquisa
GetPocket	14 links salvos através das tags

Para o TweetDeck, com a palavra-chave Síndrome de Down e acessibilidade foram cadastrados 24 perfis sendo eles: @eduguim; @talitapagani; @turismoadaptado; @TotalAcessibili; @sind_down; @acessibilidadep; @MinCidadania; @MovimentoDown; @Aces_Web @DirectBorrachas; @RSPARADESPORTO e @appleacessivel; @fundacionunomas; @sindromedown; @fdownvenezuela; @panaclo; @sind_down; @ASINDOWN; @federacaodown; @ColegasOFilme; @sindromede_down; @SindromedeDownx. Esses perfis, quando analisados individualmente, falam sobre direitos de pessoas com deficiência e/ou Síndrome de Down, problemas enfrentados no dia-a-dia, algumas leis, notícias relacionadas ao tema, e por vezes relatos de superação de pessoas com deficiência e/ou com SD. Em nenhum dos perfis foi encontrado notícias ou vestígios que falem versem sobre consumo jornalístico de pessoas com Síndrome de Down.

No Google acadêmico: Em ambas as pesquisas, os resultados obtidos foram de artigos que relacionavam as palavras chaves de maneiras mais superficiais. Como por exemplo, artigo que analisava a abordagem jornalística de reportagens sobre o dia internacional da Síndrome de Down. Ou então livro-reportagem sobre pessoas com Down, ou como estimular a leitura e escrita dessas pessoas. Não foi encontrado artigo que tratava sobre o modo em que pessoas com SD consomem jornalismo.

Já no SciELO, não foi encontrado nenhum artigo acadêmico que contivesse relação com as palavras-chave. Repositórios do intercom, nos anais do Intercom Jr, a pesar de serem encontrados 6 artigos com as palavras-chave, nenhum deles versa sobre

consumo jornalístico de pessoas com Síndrome de down. O que foi encontrado foram artigos que falam sobre acessibilidade para pessoas com deficiência, ou então focada em uma deficiência, como é o caso do artigo da “O que não podia ser visto, agora pode: acessibilidade de pessoas com deficiência visual às plataformas audiovisuais”, que fala sobre acessibilidade para PcD visual em plataformas audiovisuais.

No *GetPocket*, foram arquivados 14 links que foram taguados conforme descrito no capítulo anterior. Os artigos/sites armazenados são de instituições importantes que podem contribuir com o aprofundamento da pesquisa, como é o caso da Fundação Síndrome de Down, Instituto Meta Social e Movimento Down. Além dessas instituições, estão arquivados artigos usados como referência em Educação inclusiva e exclusão Social, da Maria Luisa Bissoto ou então a tese da Doutoranda em Administração, Mariana Dias Faria, que tem como tema “A eterna criança e as barreiras do ter: consumo de pessoas com Síndrome de Down e suas famílias”. Há também reportagens de pessoas com a síndrome que por exemplo, se formaram em jornalismo, ou abriram o próprio negócio. Para ambos os casos salvos no *GetPocket*, não há relação direta com a área da comunicação social, voltada para consumo Jornalístico dessas pessoas, porém, através do uso da transmetodologia¹², ajudam na compreensão do universo que está sendo estudado.

5. Considerações finais

Com a coleta de dados pode-se perceber como a temática é pouco abordada cientificamente e diretamente na área da comunicação social e no Jornalismo. Quando abordado, o tema é usado de forma a vitimizar ou como pauta de agenda da acessibilidade e Síndrome de Down. O consumo jornalístico de pessoas com síndrome de down, assim como para as demais pessoas é de extrema importância para que se tornem cidadãos de direitos, conscientes do seu papel político, social, cultural, econômico de uma sociedade. É através do conhecimento sobre o mundo que as pessoas podem reivindicar e lutar por seus espaços como cidadão.

¹² Termo muito usado por Efendy Maldonado, que significa a articulação cooperativa de métodos em vários campos do conhecimento.

Com a pesquisa exploratória, ficou evidente que o tema é pouco explorado, tanto academicamente em locais usados como referência na área científica, como também em redes sociais de pessoas ativistas da causa. Além do aprofundamento teórico, será preciso trabalhar com conceitos de jornalismo, acessibilidade comunicativa e comunicação para pessoas com síndrome de down, usando de métodos de aproximação do objeto que se procura com a pesquisa aqui proposta. As leituras realizadas para dar embasamento no artigo, trouxe trilhas para os próximos passos a serem tomados na pesquisa. A partir de agora será preciso um aprofundamento ainda maior do tema, fazendo o uso da pesquisa da pesquisa, pesquisa teórica e pesquisa bibliográfica.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT. **Acessibilidade em comunicação na televisão.** Disponível em: <http://www.abnt.org.br/mobile/noticias/5074-acessibilidade-em-comunicacao-na-televisao>. Acesso em: 06 de maio. 2019.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações:** comunicação cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

BISSOTO, Maria Luiza. **O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de Síndrome de Down:** revendo concepções e perspectivas educacionais. Ciências & Cognição; v. 4, n. 2, mar. 2005. Disponível em: [<http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/485>] Acesso em: 05 jan. 2019.

BONITO, Marco. **A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital.** Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/28307/0>. Acesso em: 05 jan. 2019.

BONITO, Marco. **A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital.** Revista Latino-americana de Jornalismo | ANO 3 VOL.3 N.1 João Pessoa – Brasil, 2016.

BONIN, Jiani Adriana. SAGGIN, Livia. **Perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa.** Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul – v. 16, n. 32, jul./dez. 2017, p. 97-11.

BONIN, Jiani Adriana. **Metodologias de Pesquisa em comunicação: Olhares, trilhas e processos.** [et al.]. 2º ed – Porto Alegre: Sulina, 2011. Revisando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. p. 19-42.

BOTTINO, P.J.Burns GW. **Genética.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1991.

MATA, Maria. C. **Comunicación y ciudadanía**. problemas teórico-políticos de su articulación. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, 2006. v. 8, n. 1. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/fronteiras/article/view/3125/2934>>. Acesso em: 08 out. 2018.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Produtos midiáticos, estratégias e recepção – a perspectiva transmetodológica**. Ciberlegenda, 2002. v. 9.

MALDONADO. Alberto Efendy. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, trilhas e processos** [et al.]. 2º ed – Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277.

MARCONI & LAKATOS. Marina de Andrade, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.